

São José Cafasso
Exercícios espirituais para o clero
Sobre a Oração

Entre os meios que devem concorrer para formar o Sacerdote, como um homem especial no mundo, um espelho da divindade na terra, um homem interno, espiritual, separado como está dos enganos do século, e inteiramente consagrado aos interesses de Deus, mais divino do que humano, além do recolhimento, deve estar necessariamente a oração.

Nós lemos nos evangelhos, que o divino Redentor, Cabeça e Mestre de todos os Sacerdotes, sempre que podia gozar alguns momentos de trégua dos trabalhos contínuos, se recolhia e rezava. Recolhimento e oração aqui são as duas asas, que devem elevar o sacerdote a ponto de torná-lo como um Deus na terra. A oração o aproxima e une totalmente [a Deus] a ponto que de quase transformá-lo numa encarnação de Deus. A oração mostra o sacerdote tratando, conversando com Deus, e é a oração que, no fim, obtém toda a ajuda, iluminação e conforto que lhe são necessários de Deus.

Recolhimento e oração são duas qualidades inseparáveis, uma derivando da outra. Refiro-me aqui a um recolhimento piedoso e virtuoso e não fruto da natureza ou do capricho. O homem recolhido é necessariamente um amante da oração: o homem que ora declina naturalmente dos tumultos do mundo e busca a paz e a solidão. O recolhimento e a oração são duas virtudes que bastam a si mesmas, ou pelo menos carregam consigo, e supõem o que é necessário para formar um sacerdote digno e santo.

Quem vive recolhido e ora, é impossível não tenha um coração separado deste mundo e cheio do Espírito do Senhor; impossível que não se ocupe, não estude, não trabalhe e, desta forma, chegue a ser um sacerdote santo para si mesmo, e útil e vantajoso para os outros. E é nisto que consiste a finalidade do sacerdote.

É, pois, da maior importância que nós, depois de ter considerado no sacerdote a necessidade, as vantagens e a forma do seu recolhimento, entremos nesta sua sócia e companheira, que é a oração.

Não vamos nos deter na definição do que seja a oração. Sabemos que, quanto ao seu objeto, nada mais é do que um pedido que é feito a Deus daquilo de que temos necessidade; *oratio est petitio decentium a Deo*¹. Considerando a sua forma e maneira, a oração é um impulso, um voo de nosso coração até a soleira, até as portas do céu: *Elevatio mentis ad Deum*². Nem mesmo buscaremos sua necessidade e qualidade em geral, mas sim nos aproximaremos de nós mesmos para buscar e ver essas três coisas, ou seja:

- 1- Por que é necessário e imprescindível que o sacerdote ore?
- 2- Quem entre os sacerdotes pode verdadeiramente ser chamado de homem de oração e de vida espiritual?
- 3- Finalmente, qual é e de que é o valor e a força do sacerdote que ora?

Não ouviremos coisas novas, mas nem por isso serão menos úteis e importantes. Incutimos nos fiéis a necessidade e a forma de rezar durante todo o ano, por isso é

¹ É uma definição de SÃO JOÃO DAMASCENO (cf. *De fide orthodoxa*, III, 24; PL 94, 1090D), citada várias vezes nos escritos de Santo Tomás de Aquino (cf. por exemplo *Super Matth.* VI, 9).

² Também esta é uma definição que tem sua origem em SÃO JOÃO DAMASCENO, *De fide orthodoxa* III, 24; PG 94, 1090D e é citada por Santo Tomás de Aquino, por exemplo *Super Psalmos*, pr.

imperioso que cada um reflita sobre si mesmo, e veja se reconhece em si aquela arte, que lhe cabe todos os dias ensinar aos outros. Vamos começar!

1 – É necessário que o Sacerdote ore

Um sacerdote deve orar? Para nos convencer deste imperativo, desta necessidade, deste dever, bastaria perguntar: os Apóstolos, que foram os primeiros sacerdotes, rezavam? Rezavam os sacerdotes, seus sucessores ao longo de tantos séculos? Rezam tantos bons sacerdotes que nós mesmos vemos e conhecemos?

Não há dúvida de que oraram, e oram todos; eles oraram e oram muito, e sabemos disso sem precisar de provas. Portanto, nada mais legítimo e necessário: também nós devemos orar, se não quisermos dizer que estamos isentos desta necessidade comum.

Além dos motivos gerais que a todos obrigam a rezar, já que o Sacerdote tem maior necessidade de ajudas especiais para realizar o grande encargo do qual está incumbido e, portanto, maior necessidade de pedi-las com oração, há outros dois motivos particulares, que o vinculam de tal maneira que lhe retira qualquer desculpa ou pretexto que possa eximi-lo de realizar o seu ofício de orar. Ele deve ser um mestre da oração.

a) O sacerdote deve orar

Entre os deveres e ofícios do Sacerdote, pode-se dizer francamente que o primeiro é o da oração: *omnis pontifex ... pro hominibus constitutus ad Deum* (Hb 5, 1)³. O meio principal, aliás o único meio que ele tem para manter este caminho aberto, esta relação, esta comunicação com Deus, a forma como irá cumprir esta grande missão e embaixada é a oração: retirai a oração e estareis retirando ao mesmo tempo toda relação entre o Céu e a terra, entre Deus e o homem, e retirareis o próprio Sacerdócio da face da Terra, visto que o Sacerdócio consiste precisamente em apresentar os homens diante de Deus, e representar Deus diante dos homens, e é por isso que encontramos uma linguagem comum, universal e totalmente unânime entre os santos padres e doutores no que diz respeito à oração e ao ofício da oração no sacerdote.

Sacerdotes die ac nocte pro plebe... oportet orare (S. Ambrogio)⁴; e Santo Agostinho: *talem esse oportet Domini Sacerdotem, ut quod populus pro se apud Dominum non valet, ipse pro populo mereatur*⁵; e já o tinha dito o Senhor dos antigos levitas, que os tinha escolhido para este ofício de orar: *Tuli levitas pro cunctis primogenitis filiorum Israel ... ut serviant mihi ... et orent pro eis* (Nm 8,18-19)⁶ por meio do qual um Concílio da Igreja (Coloniense) disse que a função do sacerdote deve ser esta,

³ “Todo pontífice... é constituído a favor dos homens como mediador nas coisas que dizem respeito a Deus”.

⁴ “É necessário que o Sacerdote ore dia e noite pelo povo”. É uma frase atribuída a Santo Ambrósio por SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO, *Selva*, I, 3, 13, pg. 12.

⁵ Cf. SANTO AGOSTINHO, *Enarrationes in Psalmos XXXVI* 2, 20; PL 36, 377; citado segundo SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO, *Selva*, I, 3, 14, pg. 13.

⁶ “Eu tomei os levitas em lugar de todos os primogênitos dos israelitas... para me servirem... e orarem por eles” (cf. Num 8, 18-19). Citado por Tronson, pars secunda, cap. VII: *De Oratione*, art. 3, sectio II, pg. 29.

orar ao Senhor pelo bem e pela prosperidade da Igreja e de todo o povo: *in orando Deum pro totius Ecclesiae, et populi christiani prosperitate*⁷.

E a coisa é muito natural, pois se as próprias Igrejas se destinam única e totalmente para isso, são chamadas precisamente de casa de oração: como poderia então ser diferentes e destinados a outro fim aquele que é o membro principal da família desta casa, mestre e habitante, qual é o sacerdote?

E esta oração, este espírito de oração tem que ser tão próprio, assíduo e corporificado com o sacerdote que os Santos Padres concordam que só devem ser sacerdotes aqueles que forem homens de oração. E quem assim não for não pode e não deve ser chamado de sacerdote.

O famoso douto e piedoso Arcediago Pedro de Blois, o Blesense, uma certa vez pediu auxílio a um sacerdote em alguma obra do ministério pastoral. O padre recusou alegando que aquilo não era sua obrigação, que não lhe dizia respeito. O Blesense respondeu: *“Ad te non attinet, e sabes o porquê. Eu te direi por que não te diz respeito: ad te non attinet quia non oras, sacerdos non es”*.

Sacerdote é aquele, acrescenta São Gregório, *qui orationis usu et experimento jam didicit, quod obtinere a Domino quae poposcerit, possit*⁸.

Todos vós conheceis a máxima do Venerável Padre Ávila: “Quem não tem espírito de oração e de prece, saiba que não foi feito para o Sacerdócio”.

E, antes dele, já São Bernardo recomendava ao Papa Eugênio, que tivesse cuidado de admitir e promover às ordens e graus eclesiásticos aqueles que não cultivassem a oração e não a praticassem. *Illos assumito, qui orandi studium gerant et usum habeant*; esforçai-vos sempre por escolher aqueles que em tudo confiam mais na oração do que na sua própria habilidade ou trabalhos: *illos assumito qui de omni se orationi plus fidant, quam suae industriae vel labori*⁹.

É assim que São Carlos [Borromeu], antes de ordenar um sacerdote, queria que ele fosse seriamente examinado sobre este ponto: se compreendia, se entendia o que fosse a oração, o como, o quando e o modo de fazê-la: *quis orationis modus? quot quibusve partibus illa constet? Quae regulae... et coetera ejusdem generis?*¹⁰ Mesmo que o jovem fosse douto, e ainda que possuísse os mais raros talentos, o Santo nada dele esperava e não o ordenava enquanto não pudesse ter prova de que ele iria se tornar um homem de oração.

b) O sacerdote deve ser mestre da oração

É este, portanto, o ofício do Sacerdote. E mais do que isso! Ele deve, por sua própria vocação, ser mestre desta grande arte de orar, e continuamente ensiná-la aos outros.

⁷ “O serviço dos presbíteros consistem em orar a Deus por toda a Igreja e pela prosperidade do povo cristão”. Citado segundo Tronson, pars secunda, cap. VII: *De Oratione*, art. 3, sectio II, pg. 29, que atribui a passagem ao *Enchiridion in Concil. Colon. decret. an. 1536, tit. De Sacram. Ordinis*.

⁸ “Quem pelo hábito da oração, aprendeu por experiência que podia obter do Senhor as graças que lhe pedia”, SÃO GREGÓRIO MAGNO, *Regra Pastoral*, 10; PL 77, 23B; citado por Tronson pars secunda, cap. VII: *De Oratione*, art. 3, sectio II, pg. 28.

⁹ Cf. SÃO BERNARDO, *De consideratione*, IV, 4, 12; PL 182, 781C: *“Qui orandi studium gerant, et usum habeant, ac de omni re orationi plus fidant, quam suae industriae vel labori”*. “Tenham em alta estima e pratiquem a oração e, para todas as coisas, confiem mais nela do que na sua indústria e trabalho”.

¹⁰ Estas perguntas estão entre os princípios do exame dos ordinandos de São Carlos Borromeu, que o Cafasso deve ter tomado de algum texto que tinha em mãos; encontram-se em *Acta Ecclesiae Mediolanensis*, Pars Prima; Concilium Prov. V, Pars III: *Quae ad ordinis Sacramentum, De examinandi ratione*, ex officina Anissoniana et Joan. Posuel, Lugduni 1683, t. I, pg. 113.

Mas poderá como ter sucesso, se ele não souber rezar adequadamente e se ele mesmo não se exercita nesta arte? Já observastes como fazem todos os mestres para ensinar uma profissão a um discípulo, seja qual for sua arte? Ele começa explicando detalhadamente os princípios e a teoria, esclarecendo o porquê, a razão da coisa, para que o discípulo saiba seu valor, sua força. Mas isso não é suficiente, e o mestre não se contenta com isso. O próprio mestre põe mãos à obra, como se ele mesmo fosse um principiante debaixo dos olhos de seu aluno. Logo em seguida ele passa para o discípulo, e quer que ele pratique em sua presença, para que possa corrigi-lo, ajudá-lo, avaliá-lo. E assim, peça por peça, parte por parte, um pouco um, um pouco o outro, trabalham juntos como se fossem uma só pessoa. E assim o trabalho progride e termina com a satisfação e o prazer comum do mestre, que se alegra como o progresso do seu discípulo, e do aluno que evolui pela bondade de seu mestre¹¹.

Eis o que o sacerdote deve fazer com as pessoas em sua pregação, no confessionário, no catecismo, nas conversas domésticas e familiares, para ensinar esta grande arte de rezar. Mas se quisermos que as pessoas, assim como os nossos alunos, aprendam e progridam, eles devem poder imitar o Mestre, de quem vos falei:

1 – Antes de tudo, gravar, imprimir bem na mente a teoria, os princípios. Ou seja: o que é esta arte de rezar, o caminho, a facilidade, a necessidade e a força.

2 – Mas as razões por si só, a explicação por si só não é suficiente. O aluno compreende, mas não compreende. É necessário ir à prática, sugerir-lhes o que eles devem fazer em suas próprias circunstâncias, colocar-nos no seu lugar, colocar-lhes até mesmo as próprias palavras na boca, quais palavras devem usar, como utilizá-las e quanto repeti-las.

Se ficarem desanimados, se ficarem entediados, se quiserem ir embora, encorajai-os, animai-os, como um mestre faz com qualquer um de seus discípulos. Indicai-lhes outros caminhos, outras formas mais fáceis, menos onerosas. Tudo isso leva tempo, esforço, paciência, mas tende certeza de que eles vão ganhar, e veremos o lucro. E felizes seremos nós, como felizes serão também aqueles se vierem aprender bem esta grande arte. Mas para fazer tudo isso, para se tornarem Mestres desta realidade e destas coisas, é imperioso que o sacerdote a conheça, use, exercite e tenha pleno conhecimento e posse de tudo isso.

Depois de tudo isso o que se pode dizer, o que responder a um sacerdote, que tivesse a coragem de dizer:

“Os outros que rezem o quanto quiserem! Eu mesmo não posso, não tenho cabeça, não tenho tempo e não sei como eu devo me virar quando começo a rezar... Sou capaz de fazer qualquer outro trabalho, mesmo que seja mais difícil, mais pesada! Nada importa para mim, mas pelo amor de Deus, não me falem de oração. Só de mencionar a coisa já fico entediado, aborrecido, e até irritado, tal é a relutância e a repugnância que sinto”.

O que dizer e o que responder a toda essa fala de um Sacerdote? E recordai-vos, de um Sacerdote, que tem o ofício principal de orar e ensinar os outros a fazê-lo. Pode ser, e assim quero crer, que tudo isso seja apenas uma montanha de névoa, e uma dificuldade imaginária e aparente, que ele sentiu toda aquela antipatia, secura e náusea da oração, mas que nesse ínterim ele tenha rezado, se fortalecido, e tenha sido um homem de oração, como explicaremos mais adiante.

¹¹ Estas últimas palavras foram apagadas e não são de fácil leitura.

E então eu lhe diria francamente: coragem, meu caro! Não te inquietes, tu estás orando mais do que pensas. Tu és um sacerdote melhor do que imaginas. Bem sabes que a virtude e o mérito não consistem na consolação, na doçura, na satisfação, mas no coração e na vontade sincera. E estas não faltam quando o tédio é vencido e dominado, e a oração é feita mesmo assim.

Mas o que aconteceria se fosse exatamente o contrário e o sacerdote não orasse quanto e como ele deveria? Se ele fosse ativista, ou até mesmo um estudioso, um homem de ciência, mas não um homem de oração? Oh! ... talvez minha resposta seja um pouco dura, e vos pareça ingrata, mas estamos aqui para nos ajudar mutuamente. “Não posso, não tenho cabeça, não tenho tempo para rezar”. Ora! Quando se trata de algo necessário, que deve ser feito, não há por que ficar debatendo, já que é algo imprescindível. Pelo amor ou pela dor, deve-se seguir em frente! Desculpas e pretextos em nada ajudam. Poderiam servir se fosse outra a situação, mas quando existe necessidade, com ou sem cabeça, com ou sem vontade, é algo que deve ser feito.

Olhai, por exemplo, para os assuntos temporais, que são sangrentos, difíceis e pesados. Todos gostariam, se possível, de fugir deles, mas logo se chega à conclusão de que é inútil fugir. A coisa deve ser feita. E caso não se tenha condições de realizá-la imediatamente, sempre irá se procurar uma solução.

Por isso diria ao sacerdote, neste caso: este ofício de rezar, este negócio, esta ocupação é indispensável para um padre. É tempo perdido fugir dessa realidade. Em resumo: ou rezar, ou deixar de ser padre!

Mas, se é assim, é claro que iremos orar, é claro que iremos tentar. Mas a final, que razão é essa que nos leva a não rezar? Que desculpa encontrar? Quando um professor que é convidado a dar aulas numa área que não conhece, é fácil encontrar a resposta, é natural e não há outra: tu não deverias ter aceitado ser professor. Por que, então, se tornar um sacerdote, se sabias que tinhas a obrigação de ensinar outros a orar, e não entendias do assunto?

Oh! Se é esta a tua situação, aconselho-te a procurares muitos leigos que saberão te instruir no que desconheces. Vai aos bons fiéis, que são muitos, e eles te dirão de que maneira, com que coração e sobre o que debes orar.

Se não sabes rezar, entra aqui o dito de Santo Agostinho. Olha, coloca-te aos pés da cruz, prostra-te perante este Deus e depois, dize-lhe o que quiseres, porque tudo é oração. Quer adores ou admires este Deus, se o elogias, amas, agradeces, se te alegres com ele, tudo é oração, é oração diante dele: *adoremus, admiremus, laudemus, amemus, gratias illi agamus, gratulemur*¹². Que campo, que espaço enorme para tratar e conversar com o Senhor!

Mas de que maneira e com que frequência? Até que ponto deve ser a nossa oração, para que ela seja uma oração sacerdotal? E vamos ver!

2 – Qual Sacerdote pode ser chamado de “homem de oração”

Parece inútil insistir tanto na oração do Sacerdote, que ele deve rezar, que é necessário, que é o seu ofício, o seu dever rezar. De uma certa maneira pode-se dizer que ele não faz outra coisa. De fato, ele celebra Missa todos os dias, várias vezes durante o dia tem nas mãos ao breviário, frequentemente reza em comunidade, participa de cerimônias, procissões, funerais, ofícios divinos, etc. E

¹² Cf. SANTO AGOSTINHO, *Sermo* 369, 3; *PL* 39, 1657.

tudo isso, não se pode negar, é oração! E isso tudo não é o suficiente, é preciso mais? Nesta matéria e sobre este aspecto, podemos distinguir três tipos de sacerdotes.

Os que recitam orações, mas não oram, são os que voluntariamente se distraem, vagueiam e não dão atenção ao que dizem. A respeito destes nem queremos falar, já que nem de longe cumprem seu dever de orar.

Outros, que rezam, porque prestam bastante atenção na oração, mas logo se vê que o fazem com dificuldade e de má vontade. E tão logo possam dizer que cumpriram a pura e estrita obrigação material, não pensam mais na oração. Digo que também isso não basta para formar um verdadeiro sacerdote, pois para ser tal é necessário que ele seja o que todos procuram: um homem de oração.

E quem será esse homem? Creio que não será tão raro, porque há tantos padres no mundo e não se pode sê-lo verdadeiramente sem ser igualmente um homem de oração. Quer dizer então que estes homens, estas pessoas, serão muitos e fáceis de encontrar? Bom... que o sejam, este é ao menos o meu desejo. Mas para que todos possam identificá-lo facilmente, direi quem ele é.

Para ser franco e falar em termos claros, um homem de oração, um homem com vocação, um homem que sabe, que conhece, que ama, que se deu, se consagrou àquela área, àquela missão, e não apenas no nome, mas que fez da oração a sua contínua e diária ocupação; o seu pensamento dominante nos seus discursos. As suas ações estão todas direcionadas para esse fim, para aquela meta.

É assim que o homem de armas, o homem de comércio, o homem de letras, o homem do campo, soa para todo mundo como uma pessoa literalmente dedicada, consagrada, ao manejo das armas, dos negócios, da ciência da cultura, ou do campo. Todos são naturalmente inclinados a amar sua arte, e por isso sentem gosto por ela. É um prazer lidar com ela, e longe de escondê-la, ele realmente anseia e quer que todos a conheçam. Sua felicidade está em encontrarem em sua arte. Parece que é pesado, mas não é verdade. Seria muito mais pesado, ele sofreria mais se tivesse de parar e não pudesse mais trabalhar.

Eis aí, em poucas palavras, a ideia do homem de oração. É aquele sacerdote que, assim como os outros se dedicam a outra carreira, se decidiu e se devotou à oração. Ama a oração, saboreia a oração ao menos com vontade e não sabe se afastar dela e abandoná-la.

Podem observá-lo em casa, na igreja, nos próprios bairros. Ele ora continuamente; se estuda, reza! se trabalha, reza! se se diverte, reza! se come, se dorme, reza! E como pode ser? Está sempre de joelhos? Não é necessário, ele ora: porque tudo o que ele faz, seja o que for, ele o faz com essa finalidade, para aquele objetivo, para a honra e glória de seu Deus. Reza porque de quando em vez se lembra de Deus, ou pensa nele, e então se joga e fala com ele. E não penseis que seja difícil orar por que, para ele, é um deleite, uma alegria e não um fardo. Não tenteis afastá-lo e fazê-lo desistir, porque em todos os lugares e em tudo, sem que se saiba ou se perceba está, reza, trata e conversa com o seu Senhor.

Eis o homem de oração entre os sacerdotes. Se são muitos, se são poucos, não serei eu a dizê-lo. Digo apenas uma coisa: feliz o mundo, feliz a terra se em cada sacerdote pudesse contar, pudesse encontrar um tal homem, isto é, um homem de oração.

3 – A força da Oração do Sacerdote

E quem será capaz de compreender e saber o peso, a força, a eficácia e o valor deste homem? Ele é um homem portentoso, um homem acima dos outros, um homem surpreendente e não vos espanteis se eu disser, um homem onipotente.

Dimitte me, dimitte me, ut irascatur: deixa-me fazer, não me detenhas, deixa-me ir: *dimitte me, ut irascatur furor meus* (Êxodo 32, 10)¹³.

De quem é essa voz? Quem é este com o qual usa de força e sofre violência? Quem está pedindo, suplicando para não ser detido, segurado, porque parece que quer fazer e não pode. Quem é esse? São Jerônimo diz, é Deus.

Prestai bem atenção! Aquele Deus que não encontra nenhuma resistência nem no Céu nem na terra, diante de cujo olhar e império tudo se dobra; sim, este mesmo Deus, neste momento, parece ter encontrado um braço mais forte que o segura, que o detém e não consegue vencer. Então ele é forçado a exclamar: *dimitte me*.

Sim, há realmente quem o contraste e chegue mesmo a detê-lo. E quem é esse personagem tão forte, esse homem tão grande, ou melhor, esse Deus acima do próprio Deus? Sabeis quem é? Moisés! É Moisés quem ora, é um homem de oração que se abateu, que se encontrou com Deus e o impediu: *cum nam dicitur dimitte me, ostenditur quod tenendi habeat facultatem* (São Jerônimo)¹⁴.

Certamente Moisés não tinha outra arma¹⁵. Ele não poderia segurar as mãos a Deus, senão com o poder da oração, e por isso surgiu aquele embate entre ele e Deus. Isto já havia ocorrido outras vezes entre o Anjo e Jacó: *dimitte me* disse Deus: *non dimittam te* respondeu a Moisés¹⁶; “Quero exterminar essa geração ingrata, acabou, vamos desistir”, o Senhor insistia. “Não, eu não quero – repetia sempre Moisés – isto não irá acontecer: *non dimittam te!*” E como foi que terminou a luta? Quem ganhou? Moisés, ou seja, a oração.

A oração é mais uma forma de comando do que um tipo de pedido. É assim que parece ser naquele grande caso em que Josué se encontrou. Volta-se para o Senhor, e sem muitas palavras, diz com franqueza: “vamos, parai o dia, porque eu estou precisando”: *sol... ne movearis*. E o que diz a Sagrada Escritura? Ouvi que palavra maravilhosa: *stetit sol obediente Deo voci hominis*¹⁷.

Daí todos aqueles títulos e nomes portentosos com os quais os Santos Padres designam a oração. Santo Agostinho chamou a oração de chave do Céu, e quem sabe manejá-la, é dono do que está lá dentro. Dá-se como exemplo a imprecação e a oração do profeta Elias: *Iubet Elia et clauditur Caelum: orat postmodum, et aperitur*¹⁸.

E não pensem, diz São João Crisóstomo, que este seja um caso raro e particular, pois é na verdade uma doutrina geral: *ut monstraretur Sanctorum meritum, non solum in terris posse quod voluit, sed et in coelestibus posse impetrare quodcumque petierit*. Esta impetração de tudo o que se pede, aparece como forma de comando em quem reza, como de uma espécie de obediência em Deus, que concede.

¹³ Também este versículo é citado pelo Tronson pars secunda, cap. VII: *De Oratione*, art. 2, pg. 28.

¹⁴ “A que se diz ‘deixa-me’, demonstra-se que tenha o poder de segurar”, SÃO JERÔNIMO, *Comm, in Ez. IV; PL 25, 110B*.

¹⁵ No original não se encontra a palavra “arma”, mas se trata de um evidente esquecimento do Cafasso. Também porque é neste ponto que se muda de página.

¹⁶ Na realidade as palavras da Escritura citadas não se referem a Moisés, mas a Jacó: *Gen 32, 37*.

¹⁷ *Jos 10, 14*.

¹⁸ Não foi possível encontrar uma citação nas obras de Agostinho que diga respeito a este trecho de *1Re 17-18* e *Sir 48, 3*.

Assim, o Salviano, comentando as palavras do Salmo: *oculi Domini super justos et aures ejus in preces eorum*¹⁹ interpreta que Deus está sempre com os ouvidos atentos às orações dos Justos: *in hoc non audientia tantum sed quaedam quasi obedientia designatur*²⁰. Este é o sentido dos que, às vezes, chamam a oração ambiciosa, outras vezes de ousada, de impudente, de onipotente. Mas tudo isso com grande piedade para manifestar a grande e admirável força, que a oração tem diante do Senhor.

E São Pedro Crisólogo a respeito da palavra da Sagrada Escritura, na qual Deus disse a Moisés: *ecce contitui te Deum Faraonis*²¹, pergunta: qual era o constitutivo e a qualidade que fez de Moisés como um Deus na terra, como que igualando-o com a onipotência divina? Não sei encontrar outro, responde o Santo, que não seja a oração: *hanc Moyses fit Deus: et ad triumphos suos milirares_sibi omnia mandat elementa*²².

E se isso tudo é verdade para a oração em geral, o que não acontece então com a oração feita oficialmente, feita por uma pessoa deputada para advogar, para pleitear a causa e o objeto em questão?

Já percebestes a diferença entre aquele que se apresenta a um Soberano, como um súdito simples, e um indivíduo particular, pedindo um favor, uma graça, e um outro que se apresenta revestido de poder e amparado por seu cargo e vestimentas, faz-se anunciar e é recebido e ouvido com o devido respeito? Ele não pede, mas apresenta, não solicita, mas faz requerimento e é quase impossível que tais protestos voltem vazios e fracassados.

Tal é, meus irmãos, nossa condição na terra! Enquanto um simples fiel reza, ele é uma pessoa privada que implora, e que pede misericórdia. Mas quando nós rezamos, ainda mais se é sobre o altar, mas também nas outras ocasiões em que o fazemos oficialmente, não nos apresentamos como simples pedintes, mas como quem tem o direito de representar, de requerer e de litigar.

Imaginaí alguém que seja nomeado mediador, por ambos os lados, como nós. Ele não se limita a pedir, mas antes propõe, aconselha, persuade e prossegue dizendo: “Isso deve ser feito e aquilo não; desse jeito ficaria bem, de outro jeito não”. Então é assim que vamos fazer. Tomai um Ministro de um Soberano, e observai como ele fala, quando ele vai a uma audiência com seu Rei. Ele não começa fazendo pedidos, no máximo ele vai descrevendo, e enumerando os motivos para seu Soberano, e no fim ele conclui: “Majestade é preciso fazer isso”.

Eis nestes dois personagens a figura de um sacerdote, que começa a rezar. Eis a diferença entre nós e os simples fiéis. Venha qualquer outra pessoa, mesmo boa e santa, ela não pode usar tal linguagem com seu Senhor.

Ah! se um sacerdote ao se colocar em oração estivesse realmente convencido pela fé da grandeza da sua condição e da sua honra!

“Senhor, vós me conheceis, sou o vosso Ministro, sou aquele a quem quereis confiar a vossa missão de representar-vos na terra, de prevenir os pecados, de salvar as

¹⁹ *Sal* 33, 16.

²⁰ Cf. SALVIANO DE MARSELHA, *De gubernatione Dei*. II; *PL* 53, 49B: “In hoc siquidem quod ait oculos Domini super iustos esse, affectus aspicientis ostenditur; in hoc autem quod aures in precibus paratas, semper exaudientis largitas demonstratur. Quamvis per id quod dicit, divinas aures in precibus semper esse iustorum, non audientia tantum Dei, sed quaedam quasi obedientia Dei designetur”.

²¹ *Ex* 7, 1.

²² Cf. SÃO PEDRO CRISÓLOGO, *Sermo* 43; *PL* 52, 320D-321A: “Hinc est, quod fit horum suffragio Moyses Deus, et ad triumphos militares sibi omnia mandat elementa”.

almas, de ganhar os pecadores. Deixemos de lado a honra e o fardo deste ofício; falaremos dessa carga em outro momento. Agora estou aqui para negociar convosco do seguinte assunto: vós conheceis aquele escândalo, ou aquela alma, que não quer saber de nada; vede aquela corrente, que deve ser rompida e terminada, vede aquela obra para vossa glória, que não foi interrompida, tantas são as dificuldades. Senhor, já fiz o que pude para superar, para induzir, para evitar: mas de nada adiantou, não sou mais capaz, então tive que vir até vós, porque sei que com um pouco vós podeis acabar com tudo”.

Agora digei-me vós, se por acaso Deus irá mandar embora de mãos vazias um de seus ministros que com ele fale dessa forma, se foi para tal e para este propósito, que ele mesmo o constituiu. Deus tem gosto de recebê-lo e deseja que ele obtenha sucesso. É impossível que o Senhor o recuse. Não é possível nem mesmo concebê-lo.

Mas, deve-se recordar aqui que, tratando-se de terceiros, não há certeza de que a graça seja alcançada, porque essa pessoa pode colocar obstáculos, e a culpa, neste caso, não seria nem de Deus nem do seu Ministro. Isso para dizer que o padre teria cumprido seu dever, quer o outro se arrependesse ou não.

Seja como for, aqui não estou falando do cumprimento de uma obrigação, mas antes quero que se compreenda até onde pode chegar o poder da oração, quando o sacerdote é um bom Mestre da oração e sabe manejá-la bem.

Até mesmo Moisés já havia cumprido seu dever quando orou ao Senhor para perdoar seu povo. Mas Moisés sentindo que Deus parecia não querer, poderia ter desistido. E se tivesse desistido, é certo de que o castigo cairia sobre o povo. Sendo assim, o que o sacerdote deveria fazer nesses casos, como outro Moisés, é insistir, exigir e não desistir: *non dimittam te*.

“Senhor, é inútil que queirais me mandar embora, que digais dizer que ele não merece, que a sua ira é justa. Vou ser direto e curto, ou me concedeis essa graça, ou não vos deixarei: *non dimittam te*. Ou me concedes aquela alma, fazeis com que aquele pecador se arrependa, que aquele penitente se corrija de uma vez por todas, que aquele escândalo cesse, que aquela inimizade termine, que aquela família seja restaurada, ou eu ficarei aqui e não vou embora”.

É surpreendente e divina a passagem que São Bernardo escreveu ao Papa Eugênio sobre este assunto: depois de uma longa enumeração de requisitos, que ele disse serem todos próprios do Sacerdote, tocando no da oração, em uma única palavra diz tudo o que pode ser dito a este respeito. “Vós, Santo Padre – dizia o Santo – por necessidade de ofício, tereis que enfrentar certos homens, que serão monstros, não os iníquos, mas vendidos ao partido da iniquidade; e não lhes faltará poder e força para sustentar sua defesa. Com homens assim será necessário mostrar-lhe mais do que um homem: *ubi malitiae juncta est potentia, aliquid tibi supra hominem praesumendum. Vultus tuus facientes mala*²³. Sim, longe de se retirar, ou cobrir o rosto de vergonha ou medo, vós tendes que descobrir ainda mais a testa, piscar os olhos e se dar a conhecer por aquele Vice-Deus, que sois. Mas como devo fazer, me perguntais, e onde irei buscar tanto ânimo e tanta força? Quem mo concederá?

²³ “É necessário que vos armeis de sentimentos mais que humanos, quando virdes a força associada à malícia. Fazei que a vossa presença apavore os maus. Temam o espírito da cólera os mesmos que não temem nem os homens nem a espada”, SÃO BERNARDO, *De consideratione* IV, 7, 23; PL 182, 788B (com citação do salmo 33, 17).

Respondo-vos apenas isto: o espírito de oração: *Timeat orationem, qui admonitionem contempsit*²⁴.

Aqui está o sinal, o ponto a que o clérigo deve chegar, de que é dotado deste espírito de oração: quando trata de certos obstinados e soberbos; quando se encontra em certos corações duros e insensíveis como uma pedra e uma rocha; quando certas almas não querem saber; em vez de gritar, esbravejar, chamar relâmpagos e castigos, damos mão à oração, mas com fogo e com fé.

É assim que dizemos a ele:

“Não queres saber, não queres emendar-te? Então escolhe: ou cedes, e deixas aquele pecado, aquela vida, aquela corrente, ou então irei rezar por ti e usar da minha oração. Mas saiba que tu me forças a lançar mão de minha maior arma, nada menos do que para falar de ti com Deus, e é ele quem vai para lidar contigo. Tu verás que coisas impressionantes eu conseguirei alcançar. Vou me apressar em breve, vou terminar em pouco tempo, tu não queres terminar, então direi ao Senhor para terminar contigo: *Timeat orationem qui admonitionem contempsit*”²⁵

Uma pessoa não conseguia se decidir e deixar e romper um relacionamento imoral. O confessor, depois de todas as tentativas, finalmente pensou que poderia recorrer ao seguinte meio e disse: “Se é assim, se o senhor não tem vontade de prometer que irá romper o relacionamento, ao menos me permita que eu reze pelo senhor. Pode ser?”. “Sim”, respondeu o outro. Eu o agradeço de novo e digo: “Mas saiba que rezo de coração, e quando um Confessor se põe a rezar é um assunto sério! E o Senhor nunca lhe nega nada”. O outro acrescentou: “Melhor ainda, porque desta maneira, tenho certeza de que será atendido”. O confessor então respondeu: “Tudo bem, então, esteja preparado para tudo o que Deus irá dispor”. Então, um pouco assustado, o outro insistiu: “Mas o que o senhor irá pedir?”. “Já que até agora falei com o vento, e o senhor não quer saber de acabar de vez com esta vida de pecados, espero pedir a Deus que acabe com ela”. “Ah! Tudo bem... mas como vai terminar?” Então ele respondeu o confessor: “Bem, parece-me que seja fácil de entender, e saber o que Deus fará. Se o senhor, vivendo, não pretende terminar e deseja continuar no pecado, Deus o levará consigo e assim estará acabado”. “Ah! Não – respondeu imediatamente o penitente – pelo amor de Deus! Se é deste jeito, por favor, não reze!” Foi desta forma então que o confessor concluiu: “Aqui não tem jeito. Ou o senhor emendar a si mesmo, ou que eu irei rezar. Sua permissão não é mais necessária”. Foi então que a outra pessoa voltou a insistir para que o confessor, desistir de rezar por ela etc...

Tudo isso serve para os outros, mas quando se trata de nós, estamos ainda mais em terreno seguro. Não falo de coisas temporais que possamos pedir ao Senhor, já que aos olhos de um sacerdote elas nada mais são do que misérias e ninharias. Deus certamente não deixará de prover o sacerdote do que for necessário e de defendê-lo do que for necessário. Mas falo das outras coisas mais importantes, que são as espirituais, e que levam ao nosso aproveitamento, ao bem da nossa alma e do nosso ministério.

Aqui não é necessário procurar provas, citar textos, dar razões. Trata-se de uma proposição rigorosamente teológica que, tratando-se de nós mesmos, e tendo como objeto tais realidades espirituais, a oração é *infallibiliter impetratoria*, quando é piedosa e constante. Sendo assim, quando um sacerdote se apresenta a Deus, e sinceramente pede: “Senhor, eu sou um Sacerdote e, como tal, preciso de

²⁴ Ibidem; citado por Tronson pars secunda, cap. VII: *De Oratione*, art. 2, pg. 28.

²⁵ Uma nota manda consultar um longo texto situado na página de rosto.

humildade, mortificação, desapego, pureza, coragem, confiança”. Já não é uma tentativa, um teste que fazemos para ver se Deus quiser nos ouvir. Trata-se de uma certeza, temos confiança. Tal oração não pode falhar, se pedirmos, e pedirmos insistentemente: *oratio est infallibiliter impetratoria*.

Mais ainda quando se trata de deixar um pecado ou de algo ainda mais necessário para a nossa salvação. Acabemos de uma vez por todas com este monstro! Que cada um diga nestes dias de retiro, com oração e com fé sacerdotal: “Senhor, é tempo de romper com o pecado de uma vez por todas! E quero acabar com tudo nestes dias! Pecados nunca mais! Dai-me vossa mão. Deixai-me descansar em vossos braços, e neste ponto seja feita entre eu e vós uma aliança eterna”.

Santo Afonso costumava repetir que quem reza se salva, quem não reza se condena²⁶. Vou repetir eu mesmo: o sacerdote que reza, esteja certo de que se tornará bom, virtuoso e se salvará; mas se ele não reza... mesmo que seja um homem trabalhador, de estudo e de ciência, eu temo pela sua virtude e pela sua bondade, e temerei ainda mais por sua salvação.

Como vimos, somente rezar não é suficiente para o Sacerdote. É necessário que ele faça muito mais! Que ele seja um homem de oração. E para que isso aconteça não adiantam muitas palavras. Não adianta nem procurarmos atalhos nem artimanhas. É necessária um desapego e afastamento do mundo. É necessário usar as práticas de piedade e de mortificação. É necessário, no fim das contas e principalmente refletir e meditar.

E quando nosso coração estiver vazio da lama desta terra, quando o coração estiver cheio e aquecido com as coisas do Senhor, vereis que ele já não será mais capaz de viver na terra. Muitas vezes, facilmente, sem esforço e fadiga, ele se elevará ao céu para ver Deus, para saudar a Deus, para falar com ele, para ter com ele familiaridade e convívio. E com isso seremos apenas homens de oração, homens maravilhosos, homens surpreendentes, homens onipotentes, e também nós poderemos dizer: “Cuidado! Não me faças rezar! Não me obrigues a recorrer à terrível arma da oração! Porque se fizeres pouco caso, eu falarei de ti, eu rezarei por ti: *orationem timeat, qui admonitionem contempsit*.”

²⁶ Cf. SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO, *Regolamento di vita di un Cristiano. Avvertimenti necessari ad ogni persona di qualunque stato per salvarsi*, in *Opere ascetiche*, Marietti, Torino 1845, vol. 1, p. 893.